

# Revista Iberoamericana de Turismo



MINISTERIO  
DE ASUNTOS EXTERIORES  
Y DE COOPERACION



## A Favela Santa Marta e seus guias de turismo: identidade, mobilização e conflito<sup>1</sup>

**Gabriel Ferreira Barbosa**

Pesquisador Associado do Laboratório de Etnografia Metropolitana da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Doutorando em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense, Brasil.

E-mail: barbosa.gferreira@gmail.com

### Resumo

A proposta deste artigo é descrever o processo de constituição de um mercado turístico na Favela Santa Marta e os efeitos observados no que se refere aos conflitos e consequentes mobilizações que reivindicam a legitimidade de se contar a história desse lugar. Por ter sido a primeira favela da cidade do Rio de Janeiro onde foi instalada uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) em dezembro de 2008<sup>2</sup>, a Santa Marta passa a ser reconhecida como uma “favela modelo” por parte da administração pública, como se ela fosse um “laboratório” para experiências de políticas públicas. Esse processo ocorre em um contexto – notadamente os megaeventos esportivos como a Copa do Mundo FIFA 2014 e as Olimpíadas de 2016 - em que se busca um “reencantamento” das representações sobre as favelas, mais especificamente aquelas onde as UPPs passam a fazer parte do cotidiano de seus moradores. O programa Rio Top Tour, que é a política analisada aqui, foi lançado na Favela Santa Marta, e consistiu na formação de guias turísticos locais e estímulo ao desenvolvimento de um mercado turístico. A partir da atuação desses guias e a sua mobilização para serem os legítimos portadores da narrativa sobre a história da Favela Santa Marta no âmbito do mercado turístico local, analisarei os conflitos que resultam desse processo. Antes disso, entretanto, é preciso apresentar este lugar e as mudanças que vêm ocorrendo nos últimos anos desde a instalação da UPP – que é o corte temporal proposto neste trabalho.

**Palavras-Chave:** Favela; Turismo; Mobilização; UPP; Identidade

## 1 A FAVELA SANTA MARTA

A Favela Santa Marta situa-se no Morro Dona Marta, no bairro de Botafogo. Ocupando um vale que separa a Enseada de Botafogo e a Lagoa Rodrigo de Freitas, este bairro constituiu-se como uma das áreas mais nobres da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Ele é cortado por duas ruas principais que se dispõem uma em paralelo à outra: a Voluntários da Pátria e a São Clemente. Esta última é o principal acesso à favela, na altura da Praça Corumbá.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN.

<sup>2</sup> Atualmente há 38 UPPs instaladas no Estado do Rio de Janeiro, afetando, segundo dados oficiais, mais de 1,5 milhão de habitantes (nas favelas e nos bairros do entorno). Para mais dados oficiais, ver <http://www.upprj.com/>, acessado em 29/10/2014)

Avizinham-se a ela terrenos e prédios públicos e privados. O Palácio da Cidade, que foi sede da prefeitura de 1961 até 1982, quando foi inaugurada a atual sede municipal no bairro Cidade Nova. Antes da inauguração de Brasília, e conseqüente transferência das unidades diplomáticas para a nova capital, funcionava neste edifício a Embaixada da Grã-Bretanha. Outro terreno que fica a menos de 100 metros da Santa Marta, também na Rua São Clemente, é o do Colégio Santo Inácio, instituição religiosa de ensino ligada aos Jesuítas<sup>3</sup>.

As primeiras casas da Favela Santa Marta começam a aparecer no fim da década de 20 em uma área que compreendia vários terrenos particulares. Escondidas entre as árvores da mata pertencente hoje em dia ao Parque Nacional da Tijuca, os barracos de madeira começam a ser construídos principalmente por trabalhadores de obras de extensão do Colégio Santo Inácio. Sua população observa grande aumento nas décadas seguintes, acompanhando o intenso crescimento imobiliário da Zona Sul da cidade. Muitas favelas desta área também passam por importante *boom* demográfico, sobretudo por oferecerem uma mão-de-obra barata para a construção civil, mercado que encontrava-se em ascensão. No recenseamento de 1950, a Santa Marta já contava com 1632 habitantes<sup>4</sup>.

Do ponto de vista da infraestrutura de mobilidade urbana, a Santa Marta ocupa um lugar privilegiado se considerarmos o que o bairro de Botafogo oferece neste sentido. Há muitas linhas de ônibus que fazem o percurso até o centro da cidade em aproximadamente 20 minutos. A estação de metrô Botafogo fica a 5 minutos de caminhada. Os bairros limítrofes são Copacabana, Laranjeiras, Lagoa Rodrigo de Freitas, também considerados bairros nobres da Zona Sul carioca.

A Favela Santa Marta, de certa forma, pode ser considerada de pequeno porte, se fizermos uma comparação demográfica com outras favelas da Zona Sul. O último censo demográfico de 2010<sup>5</sup> contabilizou 3.908 habitantes, com 1.176 domicílios distribuídos em aproximadamente 53 km<sup>2</sup>. Como já dissemos anteriormente, a Santa Marta é limitada em ambos os lados por terrenos particulares e públicos. No limite com o Palácio da Cidade, foi construído um muro em 2009 para separar os dois terrenos, fato que causou polêmica, pois a favela não apresenta crescimento demográfico se observarmos a evolução populacional em censos demográficos anteriores. Embora nela habitem não mais que 4 mil pessoas, segundo os dados oficiais, a Santa Marta possui 62 logradouros públicos reconhecidos pelo decreto lei 32.398 de 2010, entre ruas, becos e vielas, mesmo que só algumas delas na parte baixa do morro sejam carroçáveis.

No que tange aos equipamentos públicos a favela conta com poucos serviços. O de maior destaque é o Plano Inclinado do Santa Marta, chamado de “bondinho”, e foi inaugurado em 29 de maio de 2008. A sua construção acarretou em algumas remoções de moradores que habitavam no trajeto de seus trilhos. Eles foram removidos para casas

<sup>3</sup> Ver a respeito em “PEPPE, Atílio Machado. ‘Associativismo e política na favela Santa Marta (RJ)’ Dissertação (mestrado). Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo. 1992”. Este estudo talvez seja o mais completo sobre a Favela Santa Marta, pois procura dar conta de um longo período de tempo de pesquisa de campo de quem fez parte do trabalho dos padres jesuítas (cont.)

na favela. Peppe descreve de forma bem detalhada como se deu o processo de surgimento, consolidação e desmobilização do associativismo local, sempre sob forte influência dos padres jesuítas.

<sup>4</sup> Ver “CUNHA, Neiva Vieira da; MELLO, Marco Antonio da Silva. “Novos conflitos na cidade: A UPP e o processo de urbanização na favela.” DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social. 4:3, 371-401. 2011”

<sup>5</sup> O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística é responsável pelo recenseamento demográfico decenal, inclusive nas áreas classificadas pelo órgão de “Aglomerados Subnormais”, o que é sintomático da postura da administração pública em relação a esses lugares da cidade. A classificação usada pelo IBGE só faz reproduzir a oposição quase estrutural entre “favela e asfalto”.

construídas pelo governo estadual, não muito longe de onde moravam antes. Essas remoções obtiveram alguma resistência à época, mas segundo o presidente da Associação de Moradores do Santa Marta, a construção desse sistema de transporte significou o desenvolvimento de um instrumento de utilidade pública para os moradores da favela.

O bondinho estende-se por toda a lateral leste do morro por aproximadamente 340 metros, da região da Escadaria até o Pico do morro, onde ficam o Campinho, a sede da UPP, e a parte que contém as casas mais precárias do morro. O trajeto é dividido em 5 estações (com transferência entre a 3ª e a 4ª), e a utilização do transporte é gratuita. Ele funciona com o trabalho de 12 funcionários da própria favela de 6h até às 23.30h. O bondinho foi construído - e é administrado - pela EMOP (Empresa de Obras do Estado do Rio de Janeiro). Atualmente, há a pretensão de se transferir sua administração para a Rio Luz, que é submetida à Secretaria Municipal de Conservação.

O sistema construído da Favela Santa Marta está compreendido, desta forma, entre o terreno do Palácio da Cidade, do seu lado esquerdo; os trilhos do Plano Inclinado, pela direita; abaixo pela Rua Marechal Francisco de Moura e Rua Jupira, na altura do Largo do Cantão e da Escadaria; e na sua parte mais alta, a localidade chamada Pico. O Largo do Cantão e a Escadaria são os principais acessos à favela, e representam a área limítrofe entre o “asfalto” e a favela. Esses dois pontos ficam no final da Rua Jupira e Rua Marechal Francisco de Moura, respectivamente. Nestes pontos é possível observar um intenso movimento de passantes, e é onde situam-se grande número de estabelecimentos comerciais, como bares, mercearias, salões de beleza, farmácia, etc.

Neste sistema construído há uma estratificação que organiza a distribuição espacial da favela. A parte mais baixa concentra as construções maiores e mais valorizadas, com maior densidade demográfica. Os becos e ruas desta área são mais fechadas e escuras, com as edificações obscurecendo a luz do dia, sendo possível perceber o ar mais úmido. Nesta parte ainda a recorrência de casos de tuberculose é a maior da favela, segundo a médica da Clínica da Família Santa Marta, em razão das condições insalubres para os moradores do local.

## 2 A “BATALHA” E O *POPSTAR*

A favela Santa Marta ganhou projeção internacional no acontecimento chamado de “a batalha do Morro Dona Marta”. Em 1987, o chefe da quadrilha que controlava a venda de drogas na localidade morre, e passa o comando de suas atividades a seu filho, conhecido como Perereca. Entretanto, considerado despreparado para assumir o cargo, acaba sendo assassinado, e instaura-se um conflito para o comando do comércio ilegal de drogas na favela. A divisão entre os dois grupos se dá espacialmente. O “braço-direito” de Perereca, Zaca - um ex-policial militar que já tinha sido expulso da corporação - assume o controle das “bocas-de-fumo” da parte alta da favela. A parte baixa passa a ser dominada por Cabeludo.

A “batalha” propriamente dita têm início em uma briga banal entre integrantes dos dois grupos rivais. O resultado trágico de tal briga, o assassinato de dois integrantes da quadrilha de Cabeludo, deflagrou um conflito armado violento que se estenderia durante os 7 dias subsequentes, com consequências nefastas para a população local. O que interessa ressaltar deste evento em particular foi a grande cobertura midiática, estampando as capas dos principais jornais impressos do país além de outros veículos de comunicação internacional. A “batalha do Morro Dona Marta” notabilizou esse lugar sobretudo no que se refere à construção da metáfora da “guerra” ligada ao tráfico de drogas na cidade do Rio de Janeiro.

A imprensa contribuiu, desta maneira, para a construção de representações sociais sobre as favelas como um lugar apartado da cidade, devendo ser extirpado de seu tecido, abrindo espaço para o progresso. Neste sentido, a favela se torna uma espécie de “bode expiatório”, servindo para absorver acusações por parte da sociedade dos problemas que atingiam a cidade como um todo. A partir do final da década de 70, início de 80, a violência passa a dominar as capas dos jornais de grande circulação da cidade do Rio, e nelas as favelas aparecem como o reduto dos criminosos que devem ser caçados a qualquer custo. Segundo Mauro Amoroso, em um artigo sobre dois casos que obtiveram extensa cobertura midiática na década de 50 e 60, “há uma tendência à construção homogeneizadora de representações sobre as favelas e seu habitante, focada na precariedade moral e incapacidade de autonomia social”<sup>6</sup>. (AMOROSO, p. 207).

Outro acontecimento deu notoriedade à favela Santa Marta no cenário nacional e internacional. O cantor americano Michael Jackson gravou o *videoclipe* da música “They don’t care about us”, dirigido pelo cineasta Spike Lee em 1996 sob os olhares da mídia, que também acompanhou o caso de perto. As suspeitas de que os produtores do *videoclipe* negociaram os detalhes da gravação diretamente com o chefe do tráfico de drogas da favela, o Marcinho VP, instauraram uma grande polêmica. Sob críticas do governador Marcello Alencar de que queria atrair atenção e de querer ser “o rei da miséria”, Michael Jackson foi desafiado a fazer doações aos favelados. As autoridades acusaram a Sony, gravadora do artista, de explorar comercialmente a pobreza, e que o clipe estaria reforçando o estereótipo da favela como lugar da pobreza e violência. A resposta de Spike Lee foi direta: “O que eles acham? Que a pobreza no Brasil é segredo?”<sup>7</sup>

A projeção alcançada pela favela Santa Marta nos meios da imprensa contribuíram para a construção de um *status* que a destaca em relação a outros assentamentos urbanos. Ela passa a ser considerada uma “favela modelo”, e torna-se objeto de alguns empreendimentos, governamentais e privados, que buscam utilizar-se desta “marca”. Sua localização, tamanho, características físicas, eventos emblemáticos: todos esses fatores acabam contribuindo para a construção dessa representação social sobre a Favela Santa Marta.

### 3 A “PACIFICAÇÃO”

Em dezembro de 2008, uma operação policial deu início ao ainda desconhecido projeto de segurança pública que se estenderia para outras favelas da cidade nos próximos anos. Mesmo que outros exemplos semelhantes possam ser destacados<sup>8</sup>, a instalação da primeira Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) daria início a algumas transformações na Santa Marta, e sua consolidação como política pública resultou em grande parte do apoio que angariou de setores da elite carioca, bem como de parte majoritária da imprensa.

As primeiras ações do poder público direcionaram-se para a regularização de alguns serviços informais, principalmente os chamados “gatos” e “gato-nets”, respectivamente os serviços de energia elétrica e TV a cabo, práticas informais que eram controladas pelo

<sup>6</sup> Ver AMOROSO, Mauro. “Duas faces da mesma fotografia: atraso *versus* progresso na cobertura fotojornalística de favelas do *Correio da Manhã*. In: MELLO, Marco Antonio da Silva; MACHADO DA SILVA, Luis Antonio; FREIRE, Letícia de Luna; SIMÕES, Soraya Silveira; “Favelas Cariocas: ontem e hoje”. Garamond. 2012

<sup>7</sup> Ver FREIRE-MEDEIROS, Bianca. “Gringo na Laje: produção, circulação e consumo da favela turística”. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2009.

<sup>8</sup> Ao longo dos últimos 30 anos, algumas políticas da área da segurança pública se destacaram, como o Grupamento de Policiamento em Áreas Especiais (GPAE) e Destacamento de Policiamento Ostensivo (DPO), ambos instalados em favelas marcadas pela criminalidade violenta ligada ao tráfico de drogas.

tráfico de drogas local. A Light<sup>9</sup> regularizou o fornecimento de energia elétrica em meados de 2009, e o abastecimento de água também passa a ser formalizado pela CEDAE<sup>10</sup>. Algumas obras de urbanização do Programa de Aceleração do Crescimento já aconteciam antes da UPP ser instalada e somam-se àquele processo de reforma urbana em curso na favela.

Imediatamente, os jornais destacavam com destaque a valorização dos imóveis do entorno da Favela Santa Marta logo após a instalação da UPP. No bairro de Botafogo, por exemplo, corretores avaliavam um crescimento de 25% a 30% na procura por apartamentos<sup>11</sup>. Os efeitos da UPP começam a ser exaltados pelo mercado imobiliário de forma geral, chamando a atenção de instituições governamentais de outros países, como por exemplo o *Federal Reserve Bank of New York*<sup>12</sup>.

A repercussão foi imediata e as matérias jornalísticas que se seguiram tratavam do clima de “segurança” que passava a reinar na favela. Muitas autoridades internacionais visitam a favela logo após a implantação da UPP, como o senador americano John McCain, o embaixador americano no Brasil e o cônsul-geral dos EUA, curiosos para conhecer a “inovadora” política de segurança pública. A favela também passa a receber celebridades do mundo artístico, como o ator Hugh Jackman, as cantoras Beyoncé, Madonna e Alicia Keys.

O cenário em que se inserem as UPPs é muito mais amplo. Os chamados megaeventos esportivos tem trazido para a Arena Pública<sup>13</sup> diversos conflitos urbanos, sinalizando para a transformação da cidade em uma mercadoria no cenário internacional e administrada como uma empresa (FREIRE, 2012). O Rio de Janeiro, entre os anos de 2007 e 2016, sediou e sediará: os jogos Pan-Americanos (2007); Jogos Mundiais Militares (2011); Copa do Mundo de Futebol (2014) e os Jogos Olímpicos de Verão (2016).

Em campanha desde o ano de 2003, a Confederação Brasileira de Futebol consegue que a candidatura brasileira fosse a única no continente americano a concorrer pela eleição para receber a Copa do Mundo de 2014. Já em 2007, algumas inspeções foram feitas pela FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*) nos estádios que concorreriam para sediar o evento, mas foi atestado que nenhum deles teria condições para tal. Após uma grande mobilização política, com promessas de que fossem construídos novos estádios, o país passou a ser o favorito na disputa. Em 30 de outubro de 2007, a escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo de Futebol foi formalizada pela FIFA.

Em 2009, no dia 2 de outubro, na 121ª Sessão do Comitê Olímpico Internacional, que aconteceu em Copenhague, Dinamarca, o Rio de Janeiro foi eleito para sediar a XXXI Olimpíada de Verão. O evento contou com a presença do Presidente da República, Governador do Estado do Rio e Prefeito da Cidade. Além de outras autoridades do

<sup>9</sup> Concessionária de energia elétrica responsável pelo serviço na cidade do Rio de Janeiro e outras regiões do estado.

<sup>10</sup> Companhia Estadual de Águas e Esgoto. Atualmente, há muitas críticas no que se refere à qualidade desses serviços oferecidos aos moradores, além de casos de cobranças com valores abusivos, em que muitas vezes o serviço é inexistente, como o valor sobre iluminação pública. A CEDAE por exemplo cobra pelo de esgoto sanitário, quando na verdade praticamente toda a favela não conta com este serviço básico.

<sup>11</sup> Cf. "Ação no Dona Marta aquece mercado imobiliário". O Globo. p. 17. 21/12/2008

<sup>12</sup> Ver “FRISCHTAK, Claudio; MANDEL, Benjamin R. Mandel. *“Crime, House Prices, and Inequality: The Effect of UPPs in Rio”*. Federal Reserve Bank of New York - Staff Reports, 2012. (disponível em: [http://www.newyorkfed.org/research/staff\\_reports/sr542.pdf](http://www.newyorkfed.org/research/staff_reports/sr542.pdf))”

<sup>13</sup> Cf. CEFAI, D.; MELLO, M. A. da S.; MOTA, F. R.; VEIGA, F. B. (orgs.). *Arenas Públicas: por uma etnografia da vida associativa*. Niterói: EdUFF, 2011. p.67-102.

governo e personalidades do esporte, a Capitã Pricilla Azevedo<sup>14</sup> também esteve presente, representando a segurança pública. Antes mesmo de um ano comandando a UPP do Santa Marta, a oficial já havia se tornado um símbolo desta política pública, sinalizando a importante relação entre o programa das UPPs e os megaeventos que ocorrerão na cidade.

Não era a primeira vez que a policial participava de evento semelhante. Antes mesmo da formalização do Rio de Janeiro como sede das Olimpíadas de 2016, a Capitã já havia participado de uma sabatina com o Comitê Olímpico Internacional, reunido na cidade, que buscava subsídios para avaliar a candidatura do Rio, e respondeu a algumas perguntas do âmbito da segurança pública, sobretudo em relação ao cotidiano do “policimento comunitário” do Santa Marta.

A favela Santa Marta, nesse sentido, se transformou em um símbolo importante do que as autoridades públicas planejavam para “adequar” a cidade às exigências do COI e da FIFA. A noção de “cinturão de segurança”, colocada pelo secretário de segurança para explicar as escolhas dos lugares para instalação das UPPs merece ser destacado<sup>15</sup>. Ao contrário do que possa parecer, a estratégia de “pacificação” das favelas da cidade, segundo consta das declarações públicas dessas autoridades, relaciona-se diretamente com os lugares que sediarão os eventos esportivos e possuem infraestrutura de acolhimento ao turismo, como é o caso da Zona Sul da cidade<sup>16</sup>. O estádio do Maracanã (onde acontecerá o jogo final da Copa do Mundo), por exemplo, teve o seu “cinturão de segurança” fechado com a instalação da UPP Mangueira, em novembro de 2011.

#### 4 O TURISMO NA FAVELA SANTA MARTA

A visibilidade alcançada pela Favela Santa Marta foi incorporada na estratégia da administração pública. O Programa Rio Top Tour, lançado em outubro de 2010 faz parte deste bojo de políticas públicas pós-instalação da UPP. Foi desenvolvido pelo Ministério do Turismo, em parceria com o governo do estado do Rio. O evento na quadra da escola de samba do Santa Marta contou com o então presidente da República, ministros, secretários estaduais e municipais, o prefeito e a esposa do governador, que não pôde comparecer por estar em período de campanha eleitoral - o que não impediu aos presentes em citar seu nome inúmeras vezes.

O projeto consiste numa iniciativa de criar condições de acolhimento aos turistas na favela. Foram concedidas cartas de crédito especiais para comerciantes do local que pudessem desenvolver seus estabelecimentos, tendo o SEBRAE papel importante neste empreendimento. Melhorias foram feitas nos principais pontos turísticos, como por exemplo a construção do Espaço Michael Jackson<sup>17</sup>; guarda-corpos foram instalados em locais de risco ao turista; uma sinalização com informações especificamente de interesse ao

<sup>14</sup> Comandante da UPP Santa Marta por dois anos, a atual Major Azevedo comanda atualmente a UPP Rocinha, após ter sido coordenadora da Superintendência de Planejamento Operacional da Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro.

<sup>15</sup><http://www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia/upp-no-complexo-da-mangueira-fecha-cinturao-de-seguranca-em-torno-do-maracana> acessado em 22/04/2014

<sup>16</sup> O caso das UPPs da Cidade de Deus e Jardim Batan, na Zona Oeste do Rio, são exceção à regra. A primeira conta com um apelo simbólico, principalmente pelo alcance que o filme “Cidade de Deus” ganhou internacionalmente. A segunda é o único exemplo de domínio prévio de um grupo miliciano, onde dois repórteres do Jornal O Dia foram torturados em maio de 2008 pelo grupo que comandava o local.

<sup>17</sup> Onde o *popstar* americano gravou videoclipe da música “*They don’t care about us*”. Nesta laje encontram-se uma estátua de tamanho natural de Michael Jackson bem como um mosaico do pintor Romero Britto em homenagem ao cantor.

turista. Ainda também a capacitação de guias locais, que já atuavam ali antes, estava incluída no projeto.

Foi instalado um quiosque do projeto onde ficam de 8 às 17 horas estagiários do curso Técnico de Turismo da rede estadual de ensino. Além disso, duplas de estagiários ficam em três pontos estratégicos na circulação dos turistas, as estações 1, 4 e 5. No início do projeto, esses estagiários tinham a função de informar os turistas e guiarem tours gratuitamente, além de contribuir na formação dos guias locais. Esses ainda assistiam a aulas oferecidas no Polo de Inclusão Padre Velloso, pelo SEBRAE. Os guias locais também cumpriram, junto aos estagiários, créditos referentes ao estágio prático.

Em conjunto com lideranças e entidades locais, projeto mapeou 34 pontos de interesse turístico. Muitos deles são pontos de referência para um estrangeiro na favela, e que podem orientá-lo sem que este precise recorrer aos moradores para se localizar. Outros foram destacados como símbolos importantes da vida local. Os 34 pontos poderiam ser divididos em 5 grupos, mesmo que alguns deles possam ser vistos como pertencentes a mais de um grupo.

Assim, alguns moradores começaram a investir no guiamento turístico pela favela. Após a formação no curso de Técnico em Turismo, passaram a organizar individualmente tours que pudessem oferecer aos visitantes a experiência de conhecer o lugar a partir daqueles que nasceram e foram criados ali. Apesar de variarem um pouco entre si, os tours têm como pontos de interesse alguns pontos históricos da Santa Marta, como as antigas minas de água que eram os únicos pontos de abastecimento dos moradores. Outro ponto de parada obrigatória é o Espaço Michael Jackson também, quando é destacado pelos guias durante o passeio a gravação do videoclipe que deu uma grande visibilidade à favela. A UPP também faz parte dos roteiros, que é uma oportunidade dos guias locais de contarem a história de como aconteceu a ocupação policial e o passado de domínio do tráfico de drogas.

Atores externos passaram também a se interessa pela nova fronteira aberta no mercado do “turismo alternativo” da cidade. A Jeep Tour, agência de turismo que acabou se especializando em passeios em favelas, e já tinha a expertise de ter atuado na Rocinha, passa a atuar também no Santa Marta. Sua forma de guiar os turistas, na sua grande maioria estrangeiros, é alvo de críticas por parte dos guias locais, que têm se mobilizado para criar instrumentos de controle sobre este tipo de guiamento.

O roteiro feito pelos guias da Jeep Tour no Santa Marta difere do praticado pelos guias locais, mesmo que alguns pontos visitados sejam os mesmos. O início do passeio se dá pela parte superior do morro. No acesso via Rua Osvaldo Seabra, que começa no bairro de Botafogo, os turistas trazidos pela empresa desembarcam dos característicos *jeeps* verdes, usados nos safaris africanos. É comum que haja mais de dois carros deste tipo, de onde desembarcam no total uma quantidade superior a 30 turistas (em muitos casos, esse número pode superar a centena, segundo relatos). Enquanto o guiamento é feito favela abaixo, os carros voltam para o bairro de Laranjeiras, rumo à Praça Corumbá em Botafogo, onde estarão esperando pelos seus clientes.

O guiamento feito pela Jeep Tour, como foi dito, é alvo de muitas críticas, sobretudo por parte dos guias locais. Os guias daquele empresa são acusados de inventar narrativas sobre a favela que não corresponderiam à realidade. Outro ponto questionado pelos seus críticos é a forma com que muitos dos turistas guiados pela Jeep Tour se comportam durante a visita, havendo casos de violação da privacidade dos moradores da favela. A dimensão privada da vida cotidiana encontra-se muitas vezes sob o risco de ser profanada pelas máquinas gráficas dos turistas desavisados da gramática local, com sua

estratificação muito sutil entre espaço público e espaço privado. Os ambientes reservados dos moradores ficam, assim, vulnerabilizados sob estas circunstâncias.

A questão econômica também é importante neste contexto. A Jeep Tour trabalha sobretudo sob o argumento de estar movimentando a economia local com o consumo dos turistas nas biroskas, bares e barracas de *souvenirs*. Entretanto, em estudo feito em 2011 sobre o comportamento e impressão desses visitantes durante o *tour* na favela, a socióloga Bianca Freire-Medeiros constatou 61,4% gastavam menos de 5 reais sendo que somente 36,6% dos turistas haviam gastado alguma coisa na visita<sup>18</sup>. Essa realidade pode ter se alterado depois de alguns anos, principalmente em razão dos investimento nos estabelecimentos da favela, mas é importante destacar o descompasso entre a retórica da agência de turismo externa e os dados da pesquisa.

## 5 O COMITÊ DE TURISMO DO SANTA MARTA

Como consequência disso, alguns guias locais se mobilizaram para reivindicar a criação de algumas regras para o “mercado turístico” da favela. Um grupo de dez guias reuniram-se em torno do Comitê de Turismo do Santa Marta, e a disputa por esse mercado em constante crescimento passa a ser intensa. O objetivo do Comitê é organizar a atividade turística da favela sob bases locais. Alguns problemas têm surgido desde que a atividade começou no Santa Marta - aliciamento de menores; incômodo aos moradores; invasão de privacidade; supostas mentiras contadas pelos guias de agências estrangeiras, etc. -, e busca-se através do Comitê uma solução, sob o controle de uma instituição local, que teria legitimidade sobre o que acontece no Santa Marta.

O que deve ficar claro é que não se trata de um movimento contrário ao turismo em favela, como um fenômeno por si só nocivo aos moradores desse lugar. O que se almeja é o controle das pessoas e discursos sob a égide da “história oficial” da favela, organizado por atores locais, legitimados nessa atividade por serem identificados com a comunidade. A intenção é manter o turismo local funcionando sobre outras bases, sobre uma outra maneira de se conceber a circulação de turistas na favela, como também com outros atores a intermediar essa circulação. O objetivo do Comitê, ao cabo, seria então uma forma de *empowerment* desses atores, considerados mais legítimos, na competição com atores externos. Atualmente, alguns guias integrantes do Comitê já trabalharam em parceria com a Jeep Tour, o que é sintomático do complexo processo de disputa em jogo na favela Santa Marta.

Trata-se, neste sentido, de uma relação entre a morfologia social da Santa Marta - com suas divisões, estratificações e conflitos internos - e a narrativa dos guias turísticos locais sobre o lugar. Esses guias criam discursos sobre certos lugares escolhidos para representarem uma dada imagem da favela, mesmo que seus discursos variem entre si. Os guias locais, ao mesmo tempo que são portadores de um discurso sobre os lugares da Santa Marta, acabam também por criarem representações sobre este lugar. Há, portanto, uma busca por novas formas de se contar a história da Favela Santa Marta através de representações sobre este lugar que não tenham relação necessária com a violência ligada ao tráfico de drogas, ou a redução da favela ao significado da pobreza e exclusão. O turismo apresenta-se como uma alternativa para o “reencantamento” destes lugares.

<sup>18</sup> Ver a respeito: FREIRE-MEDEIROS, Bianca; VILAROUCA, Márcio Grijó; MENEZES, Palloma Valle. “Gringos no Santa Marta: quem são, o que pensam e como avaliam a experiência turística na favela”. In: SANTOS, Angela; MARAFON, Gláucio; SANT’ANA, Maria. *Rio de Janeiro: um território em muntação*. Gramma. 2012

## REFERÊNCIAS

AMOROSO, Mauro. “Duas faces da mesma fotografia: atraso *versus* progresso na cobertura fotojornalística de favelas do *Correio da Manhã*. In: MELLO, Marco Antonio da Silva; MACHADO DA SILVA, Luis Antonio; FREIRE, Letícia de Luna; SIMÕES, Soraya Silveira; “Favelas Cariocas: ontem e hoje”. Garamond. 2012

ANTUNES, Eduardo M. “Reflexões sobre a Batalha do morro Dona Marta”. OAB. Revista da Ordem dos Advogados do Brasil. São Paulo. Nº 43/48. 1988. P. 15-23.

BARCELLOS, Caco. “Abusado: O dono do Morro Santa Marta”. Rio de Janeiro, Record. 2003

CEFAÏ, Daniel; MELLO, Marco Antonio da Silva; MOTA, Fábio Reis; VEIGA, Felipe Berocan (orgs.) Arenas Públicas: por uma etnografia da vida associativa. Niterói: EdUFF, 2011. p.67-102.

COSTA, Giuliana. “Sediar Megaeventos esportivos vale à pena?”, in: Revista O Social em Questão, ano XVI, nº 29, 2013.

CUNHA, Neiva Vieira da; MELLO, Marco Antonio da Silva. “Novos conflitos na cidade: A UPP e o processo de urbanização na favela.” DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social. 4:3, 371-401. 2011

CUNHA, Neiva Vieira da; MELLO, Marco Antonio da Silva. “Dispositivos de Seguridad Pública e procesos de urbanización em *favelas* de Rio de Janeiro: novos conflitos en el espacio urbano”. Quaderns-e (Institut Català d'Antropologia), v. 2, p. 30-45, 2013.

CUNHA, Neiva Vieira da. “Histórias de Favelas da Grande Tijuca”. Rio de Janeiro: IBASE: Agenda Social Rio, 2006. 71p.

FREIRE, Letícia de Luna. “Em nome da ‘comunidade’: o papel das associações de moradores no processo de implantação de uma política urbana em Acari - Rio de Janeiro”. In: CEFAÏ, D.; MELLO, M. A. da S.; MOTA, F. R.; VEIGA, F. B. (orgs.) Arenas Públicas: por uma etnografia da vida associativa. Niterói: EdUFF, 2011. p. 103-134.

FREIRE, Letícia de Luna. “Mobilizações coletivas em contexto de megaeventos esportivos no Rio de Janeiro”. O Social em Questão. Ano XVI, nº 29. 2013

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. “Gringo na Laje: produção, circulação e consumo da favela turística”. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2009.

FRISCHTAK, Claudio; MANDEL, Benjamin R. Mandel. “*Crime, House Prices, and Inequality: The Effect of UPPs in Rio*”. Federal Reserve Bank of New York - Staff Reports, 2012. (disponível em: [http://www.newyorkfed.org/research/staff\\_reports/sr542.pdf](http://www.newyorkfed.org/research/staff_reports/sr542.pdf))  
MACHADO DA SILVA, Luis Antônio. “Afinal, qual é a das UPPs?” Disponível (on-line) em: [www.observatorioidasmetroles.ufrrj.br](http://www.observatorioidasmetroles.ufrrj.br). 2010

MACHADO DA SILVA, Luis Antônio. “Sociabilidade violenta: uma dificuldade a mais para a ação coletiva nas favelas”. In: SILVA, Itamar (org). A democracia vista de baixo. IBASE. 2004.

MAFRA, Clara. “Drogas e símbolos: redes de solidariedade em contextos de violência. In: ALVITO, Marcos; ZALUAR, Alba. “Um século de favelas”. FGV. 2001

MELLO, Marco Antonio da Silva. “Cidades: Commodities para consumo?” *Jornal da UFRJ*, Ano 6, n°53, 2010, pp. 13-16.

MELLO, Marco Antonio da Silva; VOGEL, Arno; SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. “Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro”. Rio de Janeiro: IBAM, 1981

MISSE, Michel. “Os rearranjos de poder no Rio de Janeiro”. *Le Monde Diplomatique*. Julho de 2011. (disponível em: <http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=959>)

MISSE, Michel. “O Rio como um bazar: a conversão da ilegalidade em mercadoria política”. *Insight Inteligência*. Rio de Janeiro. V. 3, n°5, 2002. p. 12-16

MISSE, Michel. “Sobre a acumulação social da violência no Rio de Janeiro”. *Civitas*. Porto Alegre. V. 8, n° 3, p. 371-385, 2008.

PEPPE, Atílio Machado. “Associativismo e política na favela Santa Marta (RJ)” Dissertação (mestrado). Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo. 1992

ROCHA, Adair. “Cidade Cerzida: a costura da cidadania no morro Santa Marta”. Rio de Janeiro. Editora PUC-Rio:Pallas. 2012.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. “Movimentos urbanos no Rio de Janeiro”. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1981.

SIMÕES, Soraya Silveira. “Cruzada São Sebastião do Leblon: Uma etnografia da moradia e do cotidiano dos habitantes de um conjunto habitacional na Zona Sul do Rio de Janeiro”. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia PPGA/UFF. 2008

SOARES GONÇALVES, Rafael. “Favelas do Rio de Janeiro: História e Direito”. Pallas/PUC. Rio de Janeiro. 2013

SOLTEC. “Relatório de levantamento de dados secundários: Santa Marta”. Rio de Janeiro, Núcleo de Solidariedade Técnica da UFRJ. 2011

VALLADARES, Lícia do Prado. “A invenção da favela: Do mito de origem à favela.com”. Rio de Janeiro, Editora FGV. 2005

VAINER, Carlos. “Pátria, empresa e mercadoria: Notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano”. In: ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos;

MARICATO, Ermínia. “A cidade do pensamento único: desmanchando consensos”. Editora Vozes. Petrópolis. 2002

***The Santa Marta Favela and their guides:  
identity, mobilization and conflict***

**Abstract**

*The purpose of this article is to describe the process of constituting a tourist market in the Favela Santa Marta and the effects observed in the case of conflicts and consequent mobilization claiming legitimacy to tell the story of this place. Because it was the first favela in the city of Rio de Janeiro where it was installed a Pacifying Police Unit (UPP) in December 2008, the Santa Marta is now recognized as a "slum model" by the government, as if she was a "laboratory" for public policy experience. This process occurs in a context - especially the sports mega-events such as the FIFA World Cup 2014 and the 2016 Olympics - as it seeks a "re-enchantment" of representations of the favelas, specifically those where the UPPs become part of everyday life of its residents. The Rio Top Tour Program, which is the policy analyzed here, was released in Favela Santa Marta, and was the training of local tour guides and stimulating the development of a tourism market. From the work of these guides and their mobilization to be the legitimate holders of the narrative about the history of Santa Marta Favela in the local tourism market, I would like to analyze the conflicts that result from this process. Before that, however, we must to present this place and the changes that have occurred in recent years since the installation of UPP - which is the temporal cut proposed in this paper.*

**Keywords:** *Favela; Tourism; Mobilization; UPP; Identity*

Artigo recebido em 06/11/2014. Aceito para publicação em 10/03/2015.